

LEITURA E PRÁTICA SOCIAL: LINGUAGENS EXISTENTES EM GRUPOS DE ESTUDOS SINDICAIS NO ESTADO DE SERGIPE

Sanadia Gama dos Santos (UFS)
sanadiasantos@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo pretende fazer uma análise das várias linguagens adotadas por grupos de agricultores familiares que vivenciam práticas formativas a partir da educação popular no estado de Sergipe. Essas linguagens surgem no cerne da Escola Nacional de Formação-ENFOC, realizada pelo Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras rurais, por meio de Grupos de Estudos Sindicais- GES, com o objetivo de contribuir na formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e para o desenvolvimento de diversas habilidades leitoras, voltadas para a leitura de mundo, de modo a resgatar a história e as bandeiras de luta dos sujeitos envolvidos. Garantir uma formação crítica das lideranças, por meio das linguagens desenvolvidas nos grupos de Estudos sindicais- GES realizadas nas comunidades. Dessa forma a experiência requer uma aproximação entre os sujeitos envolvidos na criação e funcionamento destes GES; para dar visibilidade e maior vivacidade e comunicar o dia a dia destas práticas que aproximam o simbólico (recursos didáticos e pedagógicos) e o real (vivência) como elementos importantes para a transformação da prática sindical e da realidade onde atuam.

Nessa relação de saberes e linguagens, os grupos de estudos sindicais vêm desenvolvendo metodologias a partir de músicas, linguagens corporais, poesias, leituras de textos que se relacionam com as temáticas trabalhadas nos encontros, agindo de forma dialógica no agir concreto dos envolvidos no processo.

A pesquisa desenvolvida no trabalho é de caráter qualitativo e experimental, desenvolvida por meio de relatos dos envolvidos, na qual se propõe a análise e interpretação de dados coletados de situações reais de uso. Assim, o *corpus* constitui-se de duas práticas, vivenciadas nos grupos existentes nos municípios de São Cristovão (aquicultores familiares) e Cumbe (lideranças sindicais), ambos localizados no estado de Sergipe. Os resultados obtidos mostram que as linguagens são aplicadas por meio de simbologias diversas, que extrapolam o espaço físico de desenvolvimento das práticas, num contexto político, social, contextual e discursivo. A pesquisa está baseada nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1997), Freire (1996), Fiorin (2003) e Foucault (2008).

Palavras- chave: linguagens, Grupos de Estudos Sindicais, discurso.

Introdução

A linguagem humana apresentada por Fiorin (2003) é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Dessa maneira, a capacidade de comunicar se manifesta através dos sentidos, e as diferentes linguagens comunicam a mesma significação.

Com o avanço dos estudos voltados para a linguística percebe-se que essas diferentes manifestações acontecem em diferentes contextos das mais variadas formas que o ser humano utiliza para se relacionar.

É nessa perspectiva que pretende-se, neste artigo descrever como se dão as diferentes formas de manifestações vivenciadas por grupos de trabalhadores rurais organizados através da luta sindical, por meio das práticas e experiência dos grupos de estudos sindicais- GES, vinculados à Escola Nacional de Formação da Contag- ENFOC. Esse estudo é fruto de um processo de sistematização realizado em 2013, que culminou na publicação do livro intitulado Ges- Semeando Saberes e fazeres em comunidades rurais, que reuniu diferentes práticas realizadas em grupos de estudos sindicais em quatro estados do Brasil: Alagoas, Maranhão, Sergipe e Pará.

O presente artigo quer fazer uma descrição das linguagens adotadas nos grupos de estudos sindicais ocorridos no Estado de Sergipe, em especial nos grupos existentes nos municípios de Cumbe e São Cristovão.

A Constituição desses grupos partiu de um compromisso pessoal de pessoas envolvidas na vivência dos cursos da Escola de formação ENFOC. Com a proposta política da ENFOC, os envolvidos e envolvidas foram desafiados e imbuídos/as a darem o primeiro passo nas suas bases de origem.

Assim, como afirma Freire (1996, p. 139), aprendemos bastante no dia a dia, vivendo, trabalhando, no lazer, enfim fazendo coisas e interagindo com o outro. Aprendemos não somente por meio da educação formal¹, mas também, por meio da informalidade ou do

¹ Sistema educativo altamente institucionalizado que se estende da escola primária até a universidade.

não-formal². Esta tem contribuído para a transmissão do conhecimento que ao longo do tempo as sociedades vêm acumulando.

O percurso quer revelar o que está presente na poeira das estradas interior afora, através de anseios e desejo de um povo que sabe fazer desse presente a produção de um viver sustentável para manter a memória e a chama acesa deste movimento sindical tecido pela diversidade, por sabores, gostos, vontades à espera do “dia de graça”.

Esse tipo de prática transcende a necessidade de publicar e sistematizar fatos e acontecimentos ocorridos nas comunidades onde os sujeitos atuam. É parte de um desejo de dar visibilidade a pessoas, lugares e experiências vivas, criando oportunidade para a manifestação das próprias vozes dos sujeitos que ali participam e constituem um coletivo em busca de maior conhecimento dos espaços onde vivem e atuam no sentido do enfrentamento de problemas da coletividade. É tornar viva a memória de trabalhadores e trabalhadoras rurais, de experiências que iniciaram a partir de uma motivação e de uma chama que estava começando a acender. É fazer uma coletânea de imagens, de depoimentos. É tornar visível aquilo que o povo sente, que o povo faz no seu cotidiano a partir da formação e auto-organização dos grupos citados; é também trazer para o presente a história dos 50 anos de tantas lutas e conquistas alcançadas na história do movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais com sua diversidade e forma de multiplicar os saberes através das experiências de Ges; é “rememorar” fatos e acontecimentos através de instrumentos pedagógicos que vêm resgatando as significações de tantas histórias que puxam “tantas outras histórias”... É, antes de tudo, mostrar o “antídoto” que fez tantos homens e mulheres começarem esta empreitada, de modo a suscitar nos leitores/as o desejo de fazer valer a luta de um movimento e que reconhece as marcas do passado; os legados daqueles e daquelas que contribuíram para a construção de um movimento unificado, capaz de romper as marcas da opressão e injustiça vigentes ao longo da história. É fazer desse momento uma canção!

1. Contando histórias, produzindo vidas

A experiência do Ges em São Cristóvão- município que fica situado na região do Vale do Cotinguiba a 26 Km da capital Aracaju, cidade esta que é marcada como patrimônio

² Atividade organizada e fora do sistema formal de educação que desenvolve vários tipos de aprendizagens.

histórico da humanidade. É a quarta cidade mais antiga do Brasil e foi a primeira capital de Sergipe, foi fundada por Cristóvão de Barros, no dia 1º de Janeiro de 1590.

Embora a cidade seja um ponto turístico, ela caracteriza-se por áreas de cultivo da cana, da agricultura e da pesca do camarão. Ali se situa o sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e nela estão constituídos três grupos de Estudos Sindicais que envolvem grupos que trabalham com o camarão, outro que são eminentemente de Trabalhadores e trabalhadoras rurais, sócias do STTR e outro grupo de aquicultores/as.

O município de Cumbe está situado na região do médio sertão sergipano e possui cerca de 3 mil 144 habitantes. O município vive praticamente do pequeno comércio local e predominantemente da agricultura. O grupo surge em julho 2011 com a participação da Presidente do Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais Cristiane Santana no curso regional nordeste da ENFOC. A partir da atividade intermódulo, Ela, no compromisso com a estratégia que a ENFOC propunha a iniciar um novo grupo no seu município. O mesmo tem a participação de 20 pessoas, sendo uma parte constituída pela diretoria do sindicato, entre outras pessoas sócias.

Todos os grupos constituídos surgem a partir dos compromissos propostos pela atividade intermódulo, ou seja, compreendida entre um módulo a outro dos participantes que fizeram a escola de Formação e pela provocação dos sujeitos envolvidos nesta vivência dos cursos que sentem a necessidade em dar continuidade à multiplicação criativa nas comunidades onde atuam.

Com esse caminho percorrido, compreendemos que as experiências apresentadas têm uma motivação em comum no seu jeito de dar o primeiro passo. Elas surgem da dinâmica e dos desdobramentos que aparecem nos cursos em que sujeitos se envolvem e seguem para a base de origem de cada um/a. Estes se agregam a sonhos e pelo desejo da transformação, garantindo assim novas práticas no interior do movimento sindical do Estado.

A partir dessas experiências, outros grupos foram recriando a dinâmica dos já criados e, sem saber direito, estavam experimentando um “novo fazer formativo”, próprio, com o jeito do grupo então formado... Alguns inclusive, com nomes próprios...

“A discussão no Ges me fez repensar algumas atividades, que tomei sem refletir” (Naiara, 16 anos. Poço Verde)

Como diz (Freire, 1996) Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. Por isso a forma de fazer criativo e os esforços de cada

animador e animadora de GES nesse fazer do chão sindical é um exercício diário que rompe as velhas formas recriando um universo lúdico, de novas linguagens e de transformação dos sujeitos.

Conforme Foucault:

Dir-se-á, pois, que há ciência humana, não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos (FOUCAULT, 2007, p. 505).

É nessa condição que os sujeitos envolvidos vão se descobrindo a partir de novas linguagens incorporadas nas reuniões dos grupos, nos aprofundamentos de temas e na interrelação entre teoria e prática.

Nessa relação de saberes e linguagens, os grupos de estudos sindicais vêm desenvolvendo metodologias a partir de músicas, tarjetas, linguagens corporais que se relacionam com as temáticas trabalhadas nos encontros de estudos e, agindo de forma pedagógica no agir concreto dos/as envolvidos no processo. Esse agir concreto caracteriza-se na mudança de vida dos que se envolvem neste espaço, pois no momento em que eles e elas vivenciam e participam dos momentos de formação, modificam sua forma de pensar a vida, passam a lutar com intencionalidade, doam seus corpos a ponto de fortalecerem suas lutas.

“A necessidade de formar o GES tem a importância de dar continuidade a todas as informações que tive na ENFOC e vi também que o MSTTR precisa de pessoas. A ENFOC mudou muitas coisas e a forma de administrar minha vida”. (Cristiane Santos, Educadora Popular. Presidente do STTR de Cumbe)

Temas abordados nos grupos são: História do Sindicato, Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável, Preservação do Meio Ambiente, organização das mulheres, Estatuto do sindicato, política partidária, entre outros.

A ciranda pedagógica é o recurso pedagógico mais frequente nos grupos. Esta forma acaba horizontalizando o jeito de conduzir os processos e favorecer a participação dos/as envolvidos no processo que relacionam com os temas e suscitam no povo novas formas de enxergar o mundo, a vida e fortalecem suas práticas, (re)significando sua atuação, levando a

novas práticas. Ela também é o elemento que permite abertura a diversas interpretações sobre o tema discutido em cada reunião. Dessa forma, Bakhtin (1997) diz:

A diferença entre a percepção que tenho de mim e a percepção que tenho do outro é compensada pelo conhecimento, ou, mais exatamente, o conhecimento ignora essa diferença, do mesmo modo que ignora a singularidade do sujeito cognoscente. No mundo *unificado* do conhecimento, não posso colocar-me enquanto *eu-para-mim* em oposição a todos os homens do passado, do presente e do futuro concebidos como *outros* para mim. (BAKHTIN, 1997, pg. 57).

2. A Experiência de grupos de estudos sindicais em São Cristovão/SE

No município de São Cristovão, o grupo de Estudos Sindicais deu-se início com a associação de aquicultores em 28 de junho de 2008. Estes são trabalhadores/as rurais e pessoas que trabalham em viveiros que são antigas salinas. Antes eram 84 pessoas e atualmente se resumiram em seis. Antes eles não eram organizados e ao formar associação junto com o sindicato. Estes eram filhos de pescadores, com a experiência deixaram de criar ostras e começaram a criar camarão.

Com a criação da associação, muitos problemas de ordem organizativa apareceram a exemplo da desunião e muitas intrigas nas relações de trabalho e produtividade. Daí surge no grupo a necessidade de formação, foi a partir daí que Maria do Carmo, educadora da Enfoc, fruto da primeira turma estadual e da terceira turma nacional da escola, começou a reunir este grupo de aquicultores.

As reuniões são feitas no local, ou seja, nos próprios viveiros de camarão. Fazemos abertura, o tema é escolhido pelas lideranças, relata Maria do Carmo. Atualmente são 15 participantes. Alguns são alunos da Universidade Federal de Sergipe que usam alguns temas como fonte de pesquisa, trocar ideias. Durante as reuniões foram utilizadas diferentes linguagens como materiais impressos: cartilhas, subsídios, etc. Esses materiais não são somente lidos, mas dos temas são provocadas outras manifestações comunicativas que dialogam com a dimensão do corpo, do estímulo a criatividade e levam os participantes a recriarem outras dimensões comunicativas a exemplo de produções em folhetos, poesias, dinâmicas de grupo, composições musicais, entre outras.

Um dos temas mais debatidos é preservação ambiental- as pessoas ouvem, olham ao redor da sua realidade e com isso o grupo tem realizado ações que causam menor impacto. Pessoas que viviam na maré pescando ou só na agricultura, hoje além de serem agricultores/as, também é aquicultor³. Esses viveiros enchem através da ação pela maré e colocam filtro pra não entrar a espécies predadoras. Conforme Fiorin:

Temos linguagens não mistas, cujos significados se manifestam apenas de uma maneira: a escrita, a pintura, a escultura, a língua de sinais; temos linguagens mistas, cujos significados se manifestam de diferentes maneiras, como o cinema, em que os sentidos são veiculados pelos sons da linguagem verbal e da música, pelas imagens da linguagem visual, etc. (FIORIN, 2003, pg. 14)

Conclusão

Escrever sobre essas práticas nos mostra que é possível tornar viva a memória de tantos antepassados que contribuíram no passado para que o hoje aconteça. Podemos dizer que as diversas linguagens que aqui nesse texto se encontram, bem como todo o percurso relatado demonstram que a vida pulsa no interior de desejos e da sede de transformação. A forma de se comunicar se dão numa interação verbal de sentidos e de ideologias, que partem de anseios, sonhos, necessidades, voltadas para a transformação local.

É assim que o Ges se constitui: por teares de sonhos, de compromissos e pela provocação que o dinamismo da educação popular se propõe a construir para a transformação da vida contra o projeto das forças da morte.

A linguagem que aqui se propõe transcende o somente fazer: são as diversas manifestações recontadas por diferentes pessoas de uma classe trabalhadora que historicamente foi minorizada por meio de suas características e do contexto social inserido: o meio rural. A proposta de manifestação comunicativa é, produzir meios para a superação da baixa autoestima e, por meio das diferentes linguagens, favorecer um espaço de novas relações, de transformação do corpo e da mente, de modo a fazer dos ideais de luta dessa categoria, o beneficiamento para a libertação e transformação.

³ Pequenos criadores de camarão que usam recursos alternativos para a criação nos viveiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail. **A estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2003.

FOULCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Porto Alegre: Artemed, 1996.